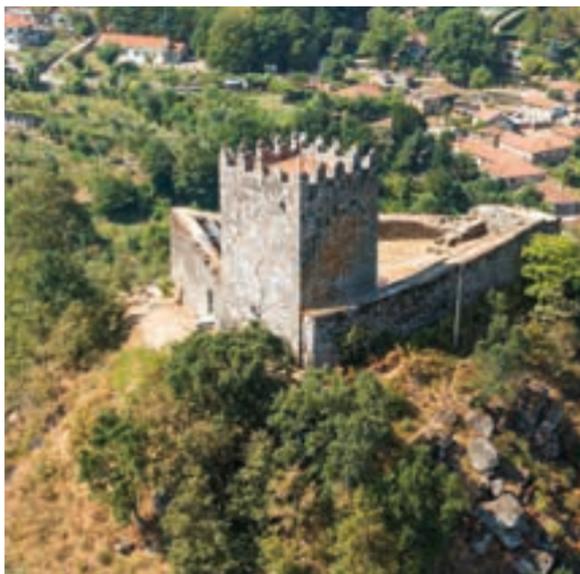
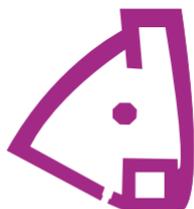


55.

CASTELO DE ARNOIA



Castelo
Arnoia
Celorico de Basto



41° 21' 48.73" N
8° 3' 7.19" O



255 322 355



×



×



Monumento Nacional
1946



P. 25



Acesso livre



Sim

Modelo do castelo românico em terras de entre Sousa e Tâmega, o Castelo de Arnoia merece uma visita, não só para apreciação da sua própria estrutura, como também para se obter uma excelente panorâmica do território em que se insere e que em tempos se denominou de terra de Basto. Integrado numa faixa de transição entre o noroeste atlântico e o noroeste transmontano, o seu território é marcado pela altiva e única Senhora da Graça e compreende hoje os concelhos de Celorico de Basto, Cabeceiras de Basto, Mondim de Basto e Ribeira de Pena.

Construído no alto de um cabeço montanhoso que usufruiu da existência de batólitos graníticos, este Castelo é assim um bom testemunho da importância que era concedida às condições de defesa local (preferência pelas encostas íngremes) e da resposta dada à necessidade de um campo de visão alargado. Embora de origem roqueira, esta estrutura militar deve ser integrada no movimento de “encastelamento” que, durante os séculos X, XI e XII, se sentiu por toda a Europa ocidental. Se a primeira notícia sobre este Castelo surge na época da tomada definitiva da cidade de Coimbra, em meados do século XI,

A TERRA DE BASTO

Encaixada entre as serras do Marão e Alvão (a nascente) e as serras da Cabreira e Lameira (a norte e poente), a terra de Basto apresenta características de área montanhosa, com densas florestas e inúmeros vales que enquadram uma extensa rede de cursos de água, aspeto muito favorável à prática da agricultura tradicional de subsistência. O monte Farinha, conhecido na região como Senhora da Graça, tem uma altitude de 1000 metros e ostenta no topo a ermida da Senhora da Graça. Situado no concelho de Mondim de Basto, o monte Farinha, com a sua forma cónica, não é mais do que a proa de uma curiosa cordilheira granítica (do Alvão), que de oriente para ocidente vem em linha reta do vizinho campo do Seixo (numa extensão aproximada de cinco quilómetros).

pelas tropas de Fernando Magno (1016-1065), a verdade é que a estrutura castelar edificada em Arnoia é-lhe bem posterior. Quatro elementos concorrem para enquadrar este Castelo na arquitetura militar da época românica: a torre de menagem (trazida pela ordem do Templo para o nosso território em meados do século XII); o torreão quadrangular (erguido no

ângulo criado pelos panos da muralha norte e este); a existência de uma única porta (a multiplicação de aberturas tornava a defesa do Castelo mais vulnerável); e, por fim, a cisterna subterrânea no pátio amuralhado (conservar as águas pluviais era elemento fundamental para a guerra de cerco). O largo adarve, que define uma planta triangular, completa o conjunto.





Foram identificados arqueologicamente testemunhos de ocupação no interior do Castelo, relativos ao período que medeia entre os séculos XIV e XVI, altura em que terá existido um edifício de habitação e uma oficina de fundição. Mas, foi a partir deste período que começou uma fase de abandono do Castelo e que se prolongou até meados do século XX, muito embora não tenham faltado os apelos à proteção e salvaguarda deste testemunho de arquitetura militar medieva. Assim, no início da década de 1960, foi a torre de menagem totalmente reconstruída ao

nível do seu último piso e agraciada com coroamento de ameias, acentuando-se, como era costume à época, o seu caráter militarizado e a sua medievalidade. Ergue-se, portanto, o Castelo de Arnoia numa área estratégica, não tanto em termos de defesa territorial (embora possa ter completado, juntamente com Guimarães e Vila Real, uma das linhas de defesa do Porto), mas mais enquanto marco de uma geografia em reorganização. Encabeçando a terra de Basto, viu gerar-se a seus pés uma povoação que a história deixou como testemunho de tempos

AS "TERRAS"

Falar de "terras" é falar de uma organização dos territórios ocupados que ocorreu, sensivelmente, ao longo da segunda metade do século XI. Estruturando a defesa em áreas restritas, o governo das "terras" era bastante personalizado, uma vez que era entregue a membros da pequena nobreza e que, a partir de então, se tornam "milites". Estando à frente das terras um tenente e sendo estas identificadas na paisagem por um castelo (que adota também ele o nome da terra a que preside), estas unidades territoriais correspondem ao crescimento e afirmação de uma nobreza de raiz local, a dos infanções, afirmando-se como um modelo essencialmente senhorial.

Durante a Idade Média, a alcaidaria deste Castelo de Arnoia andou nas mãos dos Baiões e Motas de Gundar, dando assim expressão à tradição que afirma que o seu fundador ou o seu "primeiro" alcaide terá sido Arnaldo de Baião.

idos, a em tempos denominada "Villa de Basto" e hoje conhecida como Castelo, classificada como Aldeia de Portugal pela Associação do Turismo de Aldeia.

Cabeça de concelho até 1717, Arnoia está incluída nas terras que o foral dado por D. Manuel I (r. 1495-1521) a Celorico de Basto, a 29 de março de 1520, menciona. Na origem desta povoação erguida aos pés do Castelo está o ramal de ligação entre as estradas da Lixa (Felgueiras),

Amarante e Arco de Baúlhe (Cabeceiras de Basto). Com um desenvolvimento disposto de forma unilinear ao longo do caminho, esta povoação chegou a ter casa das audiências, pelourinho e botica. Mas, o seu isolamento e a limitação de espaço que impedia a sua expansão poderão estar na origem da transferência da sede concelhia para a freguesia de Britelo, em 1717, e que veio a ser mais tarde denominada de Celorico de Basto.

CENTRO INTERPRETATIVO DO CASTELO DE ARNOIA

O Centro Interpretativo do Castelo de Arnoia, também Centro de Informação da Rota do Românico, instalado numa antiga escola primária devidamente recuperada para o efeito, na aldeia do Castelo, completa a visita.

